

Discurso – Audiência Pública – Assembleia Legislativa de MS

Excelentíssimos(as) deputados(as),

Demais autoridades presentes,

Colegas da enfermagem,

Senhoras e senhores,

Meu nome é Samara Graeff, sou enfermeira, tenho 15 anos de formação, dos quais 9 dedicados a rede municipal de saúde de Campo Grande. Atualmente estou à frente da Divisão de Enfermagem da SESAU, a maior secretaria municipal de saúde do estado, e represento aqui cerca de 1.500 profissionais — entre enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem — que enfrentam diariamente a missão de cuidar da vida, mesmo quando a própria integridade está em risco.

Hoje, não venho apenas representar uma categoria.

Venho dar voz à dor que muitos ainda não conseguiram verbalizar.

Venho falar de violência. Mas também de resistência, dignidade e urgência.

E falo com conhecimento de causa.

Já sofri 2 episódios de violência física no exercício do meu trabalho e me marcaram imensamente. Violência verbal então? Nem se fala.

Já fui à delegacia diversas vezes registrar boletim de ocorrência — por mim e ao lado dos meus colegas — porque ninguém deve enfrentar isso sozinho, apesar de ser assim na maioria das vezes. Sozinhos!

Na experiência da SESAU, temos observado que a maioria dos episódios de violência acontece nas unidades de urgência.

E nós compreendemos esse ambiente: a dor das pessoas, o medo, o desespero, a insegurança diante de um diagnóstico grave... o tempo de espera.

Mas entender o sofrimento do outro não pode significar aceitar a violência como consequência.

A enfermagem é a linha de frente — e também a linha de impacto.

Apanhamos física e verbalmente por inúmeros motivos, porque a espera está longa, porque a estrutura não dá conta, pela falta de insumos e medicamentos, porque a pessoa não recebeu o que esperava.

Somos o rosto do sistema, e é em nós que a insatisfação recai — e mesmo assim seguimos entregando cuidado. Pois é isso que a enfermagem faz, ela cuida!

Mas não somos blindados.

Sentimos medo. Cansaço. Angústia. E ainda assim resistimos. Inclusive nas fiscalizações de agentes políticos que, muitas vezes, em vez de orientar a população, intimidam os profissionais de saúde. Não digo as fiscalizações legítimas, mas as de cunho político, as caça likes, as que usam a população para atacar os profissionais de saúde para culpabilizar as deficiências do sistema público, que muitas vezes tem mais a ver com a própria atuação política de omissão frente às gestões do que com quem está ali trabalhando, enfrentando todos os desafios presentes.

Isso tudo tem adoecido a enfermagem. E o pior: em silêncio.

E mesmo quando decidimos denunciar... as barreiras são muitas.

Quantas vezes um profissional deixou de registrar a agressão pela responsabilidade de não deixar o plantão?

Quantas vezes, exausto emocional e fisicamente após o ocorrido, não teve forças para ir até a delegacia?

Quantas vezes não teve transporte, não teve apoio, ou teve medo?

Por isso, quero deixar um recado à minha categoria — especialmente a vocês que estão aqui hoje, nos acompanhando nesta audiência pública:

Eu entendo a resistência em denunciar.

Ela é humana. Ela é compreensível. Mas ela precisa ser superada.

Registrar o boletim de ocorrência não é só um ato pessoal — é um ato coletivo de proteção.

É dar visibilidade ao problema.

É responsabilizar o agressor.

É criar dados que sustentem mudanças institucionais.

É proteger outros profissionais que, amanhã, podem estar na mesma situação.

E é por isso também que faço hoje uma sugestão concreta a esta Casa Legislativa:

Que os endereços residenciais dos profissionais de saúde não constem nos boletins de ocorrência quando a agressão estiver relacionada ao exercício profissional. Que conste, se for o caso, o endereço da secretaria de saúde, ou no máximo, da sua unidade de saúde.

Pois isso tem gerado medo e sensação de vulnerabilidade, pois os agressores, além de já saberem onde trabalhamos, também poderão descobrir onde moramos.

É inadmissível que quem salva vidas precise temer pela própria.

Deputados, a enfermagem está aqui. Está unida. Está firme.

Mas precisa de respaldo. Precisa de proteção. Precisa de políticas públicas que reconheçam o tamanho da nossa entrega — e que nos garantam o mínimo: segurança para cuidar, nossa mais linda função!

Violência contra a enfermagem não é um problema individual — é um problema de Estado.

E é com o Estado, com vocês deputados, que precisamos contar para enfrentá-lo.

Muito obrigada.